

Sobre o livro de Miguel Almeida *A Cirurgia do Prazer – Contos Morais e Sexuais*

Pedro Santos Maia

Texto lido na sessão de lançamento do livro de Miguel Almeida (*A Cirurgia do Prazer – Contos Morais e Sexuais*, Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2010), realizada no Auditório da Escola Secundária de Cacilhas-Tejo, em 28 de Abril de 2010.

No parágrafo 185 da obra *Humano, demasiado humano*, de 1878, o filósofo Friedrich Nietzsche expôs um pensamento, eventualmente adequado para a ocasião que aqui nos reúne, sobre o que designa como os *paradoxos do autor*. Dizia Nietzsche:

«Os chamados “paradoxos do autor”, com os quais um leitor se choca, muitas vezes não estão nada no livro do autor, mas sim na cabeça do leitor.»

Porventura, este pensamento de Nietzsche tem aplicação e pertinência quando se está perante a obra de Miguel Almeida, *A Cirurgia do Prazer – Contos Morais e Sexuais*. Afinal, do ponto de vista do autor, poderá não existir qualquer paradoxo. Porquê? Para além dos méritos literários que o autor revela, a marca da sua formação filosófica está bem patente e de forma equilibrada numa obra que é assumidamente ficcional. E, portanto, não é de estranhar que este seja o mesmo autor que anteriormente nos ofereceu uma obra sobre filosofia do ambiente e ecologia e que agora enverede pelos caminhos acidentados e arriscados da moralidade e da sexualidade ou da moralidade associada à sexualidade e à actividade amadora ou das questões filosóficas que esta necessariamente levanta. A sexualidade é expressão de vida e a obra de Miguel Almeida é também expressão da surpreendente diversidade da vida – da vida que é «uma voragem que nos arrasta e consome, muitas vezes sem ter sequer tempo para perceber o que é que se está realmente a passar connosco.» (p. 176)

Não é muito difícil provar a tese da presença da formação filosófica do autor nesta sua obra de ficção. Nela surge o estranho caso do homem que só se sentia atraído por mulheres-filósofas. Nela emergem referências a temas maiores trabalhados pela tradição filosófica como são os temas do conhecimento e da verdade. Nela se coloca a pergunta (tantas vezes posta e com as intenções mais diversas) sobre a utilidade da filosofia: «E para que é que serve essa coisa estranha que os gregos criaram?» (p. 44) Nela se questiona também – no que pode ser entendido como um curioso exercício de auto-referência – se uma obra de arte é ou não, pode ou não ser considerada pornográfica. (Do nosso ponto de vista, um dos desafios que o autor venceu é que não cai no pornográfico. Um outro é que não cai no ridículo em que o terreno que pisou é fértil.)

Mas é talvez no conto «Casal cisne» que está mais presente a marca filosófica do autor. (O cisne – que representa na mitologia uma figura hermafrodita e andrógina, simultaneamente masculina e feminina ou em que o masculino e o feminino se confundem – símbolo, portanto, da união profunda entre sexos, da união que leva mesmo à superação da diferença entre sexos. O autor não esclarece inteiramente é se o casal cisne de que fala tem a brancura da pureza e da luz ou a negrura do oculto e da perversidade...)

A presença dessa marca filosófica verifica-se em frases que reflectem e nos fazem reflectir sobre a natureza do amor: «No fundo, o amor é atenção e dedicação. (...) Mas para o ter, é preciso cuidar todos os dias do nosso jardim, como se cada dia que passa fosse o primeiro (...). Ou o último.» (p. 176) Numa canção conhecida, Rita Lee afirma que “Amor é isso / Sexo é aquilo” e que “Amor sem sexo / É amizade / Sexo sem amor / É vontade...”. Pela leitura destes contos percebe-se que Miguel Almeida poderia subscrever estes versos e complementá-los com o ideal do amor com sexo, até porque, se outras razões não existissem, nos propõe uma relação entre a sexualidade e o humor: «O sexo bom e com amor sempre foi um dos melhores remédios para evitar o mau humor.» (p. 175) Um pensamento que se poderia traduzir na advertência ou no conselho moral: praticai sexo amoroso se quereis ter bom humor ou (numa versão menos ambiciosa) se quereis evitar o mau humor.

Daqui não se conclua que a obra que vos apresentamos seja um tratado moral sobre a felicidade humana. Ainda assim, no meio do enredo ficcional, o autor deixa cair a frase, porventura céptica, mas verdadeira, desencantada, mas discutível:

«A felicidade é sempre uma casa vazia, sem inquilino activo, na sua morada». (p. 187)

Daqui não se infira também que o autor se proponha dissipar o mistério que percorre a vida desde o seu âmago ou esclarecer a questão do seu sentido que assoma na oportunidade mais insuspeita. Ainda assim, o autor põe na boca de alguém que terá um saber de experiência feito, um saber da experiência amorosa, as seguintes palavras:

«O segredo é ser verdadeiro connosco próprios e com as coisas que fazemos na vida. (...) Tudo o resto vem por acréscimo.» (p. 177)

Para concluir voltemos ao princípio. Se alguém se chocar com esta obra é porque porventura se deixou enredar ou afectar pelo que poderíamos designar como *paradoxos do leitor*. Para quem não esteja recordado, a obra de Nietzsche citada de início tem um subtítulo: *Um livro para espíritos livres*. É o que este livro de Miguel Almeida também é. Escrito por um autor que demonstra também sê-lo. Quem seguir o caminho que ele nos apresenta fará pois um exercício de liberdade.

Almada, 11 de Abril de 2010